

Edite Azevedo

Assunto: FW: Pedido de Parecer - entrada
Anexos: Parecer_Teatro.docx

De: teatrinho.acores@sapo.pt <teatrinho.acores@sapo.pt>

Enviada: 16 de abril de 2020 11:29

Para: Rui Silva <rsilva@alra.pt>

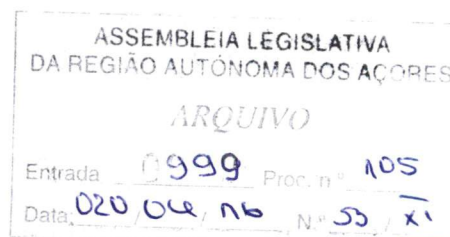
Assunto: Re: Pedido de Parecer

Saudações

Remeto, em anexo, o parecer solicitado.

Cumprimentos

Valter Peres



Parecer sobre a proposta de criação de uma Companhia Profissional de Teatro *por Decreto*

Relativamente ao vosso pedido de parecer, aqui deixo a opinião do Teatrinho – Espaço de Criação, assinada por Valter Peres.

Criar uma companhia profissional de teatro estatal é não aprender nada do que se passou nos recentes tempos, em que todas as estruturas pertencentes ao estado, por constrangimentos vários, foram encerradas, ou estão em fase de desmantelamento.

Relativamente à proposta apresentada, de criação de uma companhia Profissional de Teatro, vimos por este meio informar que **somos veementemente contra**.

Que fique claro: A qualidade não está ligada ao profissionalismo.

Em teatro, profissional não significa qualidade. Um médico, só o poderá ser, se tiver a “carteira de médico”, um jornalista, só o poderá ser, se tiver a “carteira de jornalismo”. Um ator, será sempre um ator, no momento em que subir ao palco.

Não existem atores profissionais, existem licenciados em teatro. Os atores profissionais são, tal como os futebolistas, aqueles que ganham dinheiro com a sua arte. Se o Ronaldo passar a jogar na equipa do seu bairro e não ganhar ordenado, passa a ser um futebolista amador e isso não tem nada a ver com qualidade.

No teatro também é assim. O que menos falta é gente licenciada em teatro nas mais variadas áreas, onde a qualidade é fraca e outros, sem licenciatura, que se podem considerar dos melhores na sua arte. Nos Açores estes dois aspetos existem.

Caso os promotores desta proposta entrassem numa sala de teatro de vez enquanto, saberiam que há companhias de teatro regionais, mesmo amadoras, com prémios nacionais e com, por exemplo, seleção de espetáculos para os melhores Festivais de Teatro do Mundo.

Quanto à qualidade estamos falados.

Olhar para o teatro nos Açores com a ideia de que “está muito mal”, que não há público, é não perceber nada do que é o teatro.

Deixamos aqui um exemplo. Há companhias/grupos nos Açores com uma média de 1500 a 2000 espetadores por espetáculo, algumas com mais. Estes números serão, por exemplo, para a ilha Terceira, à volta de 4% da população. Quantos espetadores teriam de ir a cada espetáculo para este rácio de 4% ser atingido, por exemplo em Lisboa, ou no Porto. Portanto, quanto a espetadores no teatro, estamos falados.

Somos contra e a nossa opinião resulta de alguns aspetos que abaixo elencamos que deveriam ser respondidos muito clara e pormenorizadamente antes de ser apresentada qualquer proposta:

1. Onde? Em que ilha, que estrutura (casa) o acolheria?

Será, obviamente necessário uma estrutura e não se vislumbra facilmente qual. Aqui deixamos um exemplo: O Teatro Angrense não tem condições, porque para além do palco, não dispõe de espaços alternativos para ensaios, apoios e arrumações.

Esta estrutura (casa) teria que ficar à completa disposição da companhia, porque seria muito difícil conciliar a agenda do espaço, com a atividade da companhia e preparação de espetáculos. Estas situação poderia ultrapassar-se com uma estrutura física, grande

com muitos espaços. Nos Açores, talvez apenas o Teatro Micaelense tenha essas condições e ainda assim, seria muito complicado gerir a agenda de acesso ao palco. Uma companhia de teatro necessita de um espaço com qualidade para exercer a sua atividade. Não é despiciente pensar que o Alpendre Grupo de Teatro se manteve todos estes anos em atividade, também por ter um espaço com qualidade para trabalhar.

2. Quem faria parte do elenco? Quantos seriam? Quantos atores? Quantos técnicos?

Uma coisa é um projeto independente, profissional, ou não, sem responsabilidade dramatúrgica bem definida e, sem responsabilidades de repertório, outra, será um projeto pago por todos os contribuintes, onde haveria a necessidade de criar uma equipa capaz de atingir muitos objetivos, entre eles de repertório. Assim, haveria a necessidade de variar pelo menos idades e géneros no elenco de forma a responder a diversas propostas dramatúrgicas.

Claro que pode sempre recorrer-se a convite de elenco externo, mas aí, caía por terra a noção de Companhia de Teatro e passaria a ser uma gestão de espetáculos feita por alguém, mediante as necessidades.

Um elenco de uma Companhia Profissional de Teatro Estatal teria de envolver um número grande de atores e técnicos. Não poderia ser apenas, pegar-se nuns atores que já existem e adaptar-se as peças a eles. Uma companhia com as responsabilidades estatais tem que ser muito mais do que a diversão de uns determinados criativos, ou um desenrasca de uma equipa de trabalho.

Quanto à qualidade que existe nos Açores, aqui deixo a minha opinião, alicerçada em mais de trinta anos de teatro e nas opiniões de encenadores como Rui de Carvalho, Eduardo Gaspar, José Rui Martins, Álamo Oliveira, Júnior Sampaio ou Pedro Giestas: Atores como Belarmino Ramos, Filomena Ferreira, Soraia Aguiar, Carla Soares, Hélder Xavier, Maria do Mar, entre muitos outros, são atores ao nível do melhor que existe em Portugal e têm participado em espetáculos ao nível do que de melhor se tem feito em Portugal.

Não, não falta qualidade, pelo contrário, ela existe em abundância. Vamos escolher?

3. Como recrutar a equipa?

Come seria recrutada a equipa?

Seria de entre os atores açorianos licenciados? Há muitos a trabalhar no território nacional. Quantos? Como seriam selecionados? Seria um júri que lhes faria um exame? Seria pelo Currículo? Seria a qualidade? Que qualidade?

Seriam os que estão a trabalhar amadoramente nos Açores? Quantos? Como seriam selecionados? Seria um júri que lhes faria um exame? Seria pelo Currículo? Seria a qualidade? Que qualidade?

Seriam os amadores que fazem um trabalho fantástico há anos? Quantos? Como seriam selecionados? Seria um júri que lhes faria um exame? Seria pelo Currículo? Seria a qualidade? Que qualidade?

Enfim, processo complicado e que deixará muitas cicatrizes.

A título de exemplo engraçado, tenho curiosidade como algum projeto teatral dos açores podia deixar de fora um ator (amador) como o Belarmino Ramos. Seria também engraçado perceber como, para além do Belarmino Ramos, seria possível deixar também de fora... enfim, seria engraçada a discussão.

4. E os outros projetos? O que fazer com eles?

O que fazer com os outros projetos.

Para quem não entra em salas de teatro vou dar uma pequena achega da minha experiência em dois projetos.

O Alpendre Grupo de Teatro tem 44 anos de idade, contam-se pelos dedos de uma mão e nem é preciso a mão toda, os projetos em Portugal que têm esta idade com atividade ininterrupta. Com uma história fantástica, formador de imensas pessoas que agora estão a viver de teatro em outras paragens.

Têm vindo trabalhar com o Alpendre encenadores do território nacional que se encantam com as condições de trabalho e com as equipas. O que fazer com o Alpendre? Vamos gastar trezentos mil euros com uma companhia que não terá, nem história, nem condições, nem, é a minha opinião, a qualidade do Alpendre e desvalorizar esta importante instituição?

Posso também, humildemente, falar de outro projeto, O Teatrinho – Espaço de Criação, que realizou, entre outros, um trabalho com um encenador internacional, Tomás Kubinek, que desembocou no espetáculo “all god’s children” que foi pré-selecionado para o London International Mime Fest, um dos maiores festivais do Mundo.

Claro que foi um projeto que custou, na altura, vinte e cinco mil euros, mas, para além de ser premiado, deu espetáculos em 6 ilhas dos Açores e esteve no Teatro Lethes no Algarve, na Sala Estúdio Mário Viegas em Lisboa, no Teatro Municipal de Leiria e no Pequeno Auditório da ACERT em Tondela.

Há sim, muito bons projetos nos Açores, assim, haja apoio para poderem trabalhar.

5. Que programa de peças a trabalhar/apresentar? Com que objetivo?

Discussão difícil. Uma companhia de teatro tem uma imagem, uma visão cultural do seu trabalho e, tanto o público, como as autoridades, conhecem o projeto pela sua proposta de repertório/cénica/dramatúrgica/. Essa escolha seria feita por quem? Seria uma indicação oficial? Seria uma decisão técnica? Seria em função de alguma lógica (plano regional de leitura, comemoração de alguma efeméride...).

Serão peças mais universais, mais contemporâneas, mais urbanas, mais populares, mais...

Enfim, seja qual for o caminho a seguir, será sempre o fechar de outros. Será sempre entregar a política cultural relativamente ao teatro a algum diretor técnico, ou será a um decisor político?

A linha de espetáculos de uma companhia, seja ela profissional, ou não, é o que a define e essa questão levará sempre a muita discussão.

Quem decide, fá-lo sempre contra alguém. Dois projetos com apoios substancialmente diferentes, não significam, nas artes, que sejam dois projetos distantes na sua “qualidade”. Esta questão só entende quem está envolvido nas artes, os políticos nunca entenderão esta questão.

6. Quantos espetáculos por ano?

Será decisão oficial, ou da equipa de gestão do projeto? Terá a ver com orçamento, ou com política cultural? Terá em conta o elenco, ou a política cultural?

Estará a estrutura preparada para realizar um mínimo de espetáculos que justifique o investimento?

7. Para que públicos?

Há muitos públicos. Uma coisa é um projeto independente, outra é um projeto pago por todos nós. Haveria, pois, a necessidade atingir vários públicos. Será possível trabalhar para um público escolar? Um público mais urbano? Será um “melting pot”? Será... enfim, há muitos caminhos e qualquer deles poderá inviabilizar os outros. Uma companhia independente escolhe o seu caminho e fica conhecida por isso, agora, uma Companhia Estatal, não poderá (digo eu) deixar ninguém para trás.

8. Apresentação em todos os Concelhos? Com que custos?

Sendo uma companhia regional terá que passar por todos os concelhos, pelo menos por todas as ilhas. Contas rápidas: 19 concelhos, duas semanas em cada conselho= 38 semanas.

E tempo para preparar espetáculos? Ou há uma equipa grande, ou se estiver a equipa toda nas digressões, como se prepararam espetáculos?

Abranger todo o território, com idas às escolas e espetáculos em auditórios, muitos deles sem condições, logo a obrigar a um extenuante trabalho das equipas técnicas, é uma tarefa muito complicada. Mas: “Se é estatal, quero a companhia a passar na minha terra, porque eu estou a pagar com os meus impostos”.

9. Apenas mais uma questão, de entre outras que poderiam discutir-se. Custos. Desenho “muito cru”:

Para uma estrutura pequena que não permitirá uma atividade regional muito intensa: seis atores, três técnicos e um gestor (administrativo) daria um valor anual para ordenados de + - 210.000 €. Acrescente-se a produção dos espetáculos: Cenografia, figurinos, adereços... acrescente-se as deslocações nos Açores para chegar a mais gente... enfim... seria necessário um valor a rondar, na melhor das hipóteses os 300.000 €.

Com esse dinheiro é certamente possível haver bom teatro nos açores, em todas as ilhas, seja com companhias independentes regionais, ou a compra de espetáculos externos.

Conclusão

Faz sentido o Teatro Profissional a partir da iniciativa dos próprios grupos que se sintam capazes de viver exclusivamente do teatro, sim, por iniciativa própria, como faz sentido o Teatro Amador realizado com qualidade.

Vêm aos Açores encenadores que habitualmente trabalham em projetos profissionais e elogiam, seja a estrutura dos projetos, seja a qualidade das equipas. Não faz sentido alguns oportunistas dizerem que o que cá se faz é mau.

Uma estrutura estatal de teatro, tipo função pública teatral, sustentado pelo estado é desaconselhável. Se já é complicado nacionalmente, num território contínuo, imagine-se num território descontínuo.

Portanto esta companhia não garante a qualidade, não garante mais público e seria um desperdício de recursos.

Haja vontade de despender esse tipo de verbas no teatro e sem gastá-lo num único projeto e o teatro e haverá um melhor aproveitamento dos fantásticos “recursos” já existentes.

Somos veementemente contra.

Angra do Heroísmo, 5 de abril de 2020

Valter Manuel Linhares Peres